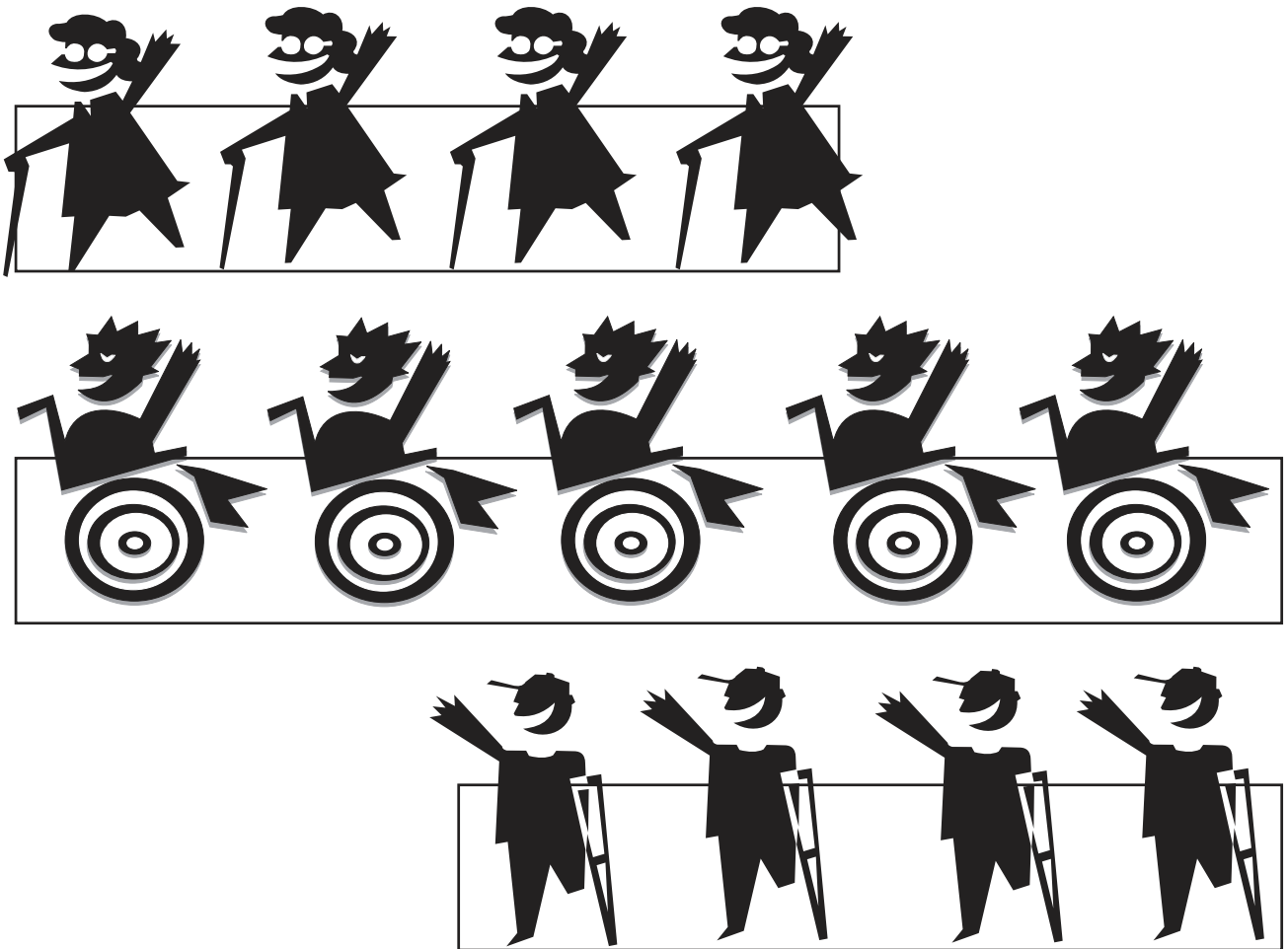


A partir do referencial teórico psicanalítico, proposto por Freud e Lacan, este trabalho analisa como os sujeitos que portam uma deficiência são vistos pelos professores, não esquecendo que tal visão é reflexo de como são vistos pela cultura na qual estão inseridos. Analisa, também, a segregação a que foram submetidos da antigüidade aos dias atuais.

Palavras-Chave: Psicanálise; Educação Especial, Aretê, Eugenia.



*Starting from the psychoanalytical framework of Freud and Lacan, this work analyzes how the subjects with deficiencies are seen by teachers and professors, keeping in mind that such a vision is a reflex of how the subjects are seen within the cultural framework in which they are inserted. We also analyze the segregation to which they have been submitted from the days of Antiquity till today.*

*Key words: Psychoanalysis, Special Education, Arête, Eugenic.*

# Clandicar não é Pecado.

Andréa Brunetto

Psicóloga, Psicanalista,  
Membro da Associação  
Fórum do Campo  
Lacaniano, Mestra em  
Educação pela UFMS

Pois ouve: os olhos teus são bons e todavia  
não vês os males todos que te envolvem,  
nem sabe onde moras, nem com que mulher te deitas  
Sabes de quem nasceste? (...)  
Também ignoras muitas outras desventuras  
que te reduzirão a justas proporções  
e te farão igual aos filhos que gerastes.  
Sentir-te-ás um dia tão aniquilado  
como jamais homem algum foi neste mundo.

Sófocles, *Édipo Rei*

Este trabalho é um resumo da nossa dissertação de mestrado. A partir de dez anos de trabalho na Educação Especial da Secretaria de Educação do Estado de MS, resolvemos pesquisar como os alunos que apresentavam uma deficiência física, mental, visual ou aditiva eram vistos pelos professores que o educavam. A partir da interface com a educação, a dissertação *Quem é o deficiente para aquele que o educa?*, tenta entender como as Políticas Públicas na educação, as escolas de modo geral e as instituições de Educação Especial, como APAE, Pestalozzi, tratam o deficiente.

Durante muito tempo houve um debate na Educação Especial, no qual, de um lado, os educadores afirmavam que os alunos deficientes deviam estudar em escolas especializadas, porque estariam entre seus iguais, aprenderiam com mais facilidade pois seus limites seriam respeitados; e de outro lado, havia os educadores que defendiam a integração ou inclusão do aluno deficiente no ensino regular, numa classe comum, junto com os demais alunos. A segunda posição é a

que prevaleceu e veio como uma tentativa de barrar a segregação a que esses alunos foram submetidos na vida acadêmica.

Nas classes especiais ou salas de recursos das escolas comuns, ou ainda nas escolas especializadas, eram vistos como os “retardados”, os “bobinhos”. Segregação que atingia até mesmo os professores da Educação

exprimiam no seguinte ideal: a formação de um elevado tipo de homem, o homem nobre, de méritos.

O homem grego era o homem político e a meta da educação era que ele pudesse viver bem na *pólis*. O que era bom à cidade, era bom para cada um, individualmente. É por isso que Platão e Aristóteles tratam da edu-

*A educação procurava realizar o ideal do homem com méritos, com excelências. Esse ideal era reduzido a uma minoria: o ideal da nobreza.*

cação em suas principais obras políticas. Em *A república*, a alegoria da caverna foi a tentativa de Platão de explicar como a educação devia moldar a natureza humana para o

Especial. Havia nas escolas professores de aluno normal e professores de “retardados”. Mas com a integração e as mudanças nas políticas públicas para a Educação Especial a segregação continuou da mesma forma. A ingenuidade dos educadores foi achar que a segregação era questão de espaço físico.

Bueno aponta um “caráter assistencialista” no trato com o alunos deficientes que lhe soa incompreensível. Há uma lei que lhes garante frequentar o ensino regular, mas nem por isso a segregação deixa de acontecer. Analisa que nos deficientes há “uma ausência de determinadas características da espécie” e aposta na democratização da educação e na objetividade científica que propiciará uma nova análise dos padrões de normalidade.

bem e a felicidade pública.

Platão relatou que era responsabilidade do Estado a criação dos jovens, porque se os cidadãos fossem convenientemente educados se tornariam homens de bem e reconheceriam a importância da família e do Estado, “...facilmente discernirão a importância de todos esses pontos e de muitos outros que omitimos, como o que diz respeito às mulheres, ao casamento e a educação dos filhos” (Platão, 1959: 153). A família fazia parte do Estado e o que convinha a ela era o que convinha ao Estado. “Ora, o mérito da parte deve referir-se ao mérito do todo. A educação das mulheres e das crianças deve ser alçada do Estado, já que importa à felicidade do Estado que as mulheres e as crianças sejam virtuosas” (Aristóteles, 1991: 32). Este pequeno extrato da *Política* mostra como para Aristóteles a educação era uma tarefa do Estado. Nessa obra, os textos sobre educação estão incluídos na explanação sobre o Estado ideal.

## *Ideal grego, aretê e eugenia*

Platão, para se referir à ação educadora, usou a palavra formação. A palavra *Bildung* em alemão é a que mais se aproxima do sentido grego. Para os gregos, a educação tinha como meta formar verdadeiros homens “como o moleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras”. A bela analogia é de Jaeger, que define a educação nos gregos como envolvendo desde mandamentos como “honrar pai e mãe, respeitar estrangeiros”, para dar alguns exemplos, até preceitos sobre moralidade, regras de prudência que eram transmitidos de uma geração a outra. Para os gregos a educação participava no crescimento da sociedade e sua finalidade se

A educação procurava realizar o ideal do homem com méritos, com excelências. Esse ideal era reduzido a uma minoria: o ideal da nobreza. Segundo Jaeger o termo essencial para entender a essência da educação grega é a *aretê*. “Na sua forma mais pura, é no conceito de *aretê* que se concentra o ideal da educação dessa época” (Jaeger, 1989: 18). O máximo do ideal grego estava na figura de Aquiles, quando do Hades falou a Ulisses e a sua visão as sombras vulgares se afastavam; ele não se deixou consolar pelas glórias que Ulisses lhe devotou: antes ser um homem pobre, filho de lavrador, do que reinar sobre os mortos, esse povo extinto. Essa vida bre-

ve, essa angústia de morte, que pode soar como trágica a nós, os guerreiros a amavam e buscavam-na ferozmente.

Essa ética da honra, esse valor ideal pelo qual a vida era sacrificada era a *aretê*. Era o fim máximo da vida dos gregos, aquilo que fazia de um homem um herói, o que reconhecia o seu valor: a glória de ser proclamado o melhor. Temos mantido a palavra *aretê* sem traduzi-la, mas quase a unanimidade dos tradutores a traduzem por virtude. Toda a obra de Platão e Aristóteles que estamos consultando está assim traduzida. Em *Os gregos* (1990), Kitto chama a atenção para essa tradução: virtude tem um sentido moderno ligado a moral, que não tem nenhuma relação com a *aretê*. Segundo ele, a palavra que melhor define o termo grego é a excelência. Assim, a *aretê* de um cavalo de corrida é a velocidade; quando aplicada ao homem, num contexto geral, implicará excelência, na medida em que um homem tem possibilidades de ser excelente moral, intelectual e fisicamente.

Em *O banquete*, Alcibiades compara Sócrates a um sileno<sup>1</sup> que, quando aberto, fazia aparecer estatuetas dos deuses e, quando faz tal referência em grego, diz *agalma aretês*. Lacan traduz isso como a *maravilha das virtudes, a maravilha das maravilhas*. O *agalma*

é um enfeite, um ornamento, objeto brilhante e divino que está no interior de algo. No *agalma* é a função fetiche do objeto que é acentuada; o que mais se aproxima do sentido moderno é um ídolo ou ícone. Uma imagem feita para “encher os olhos” nos diz Lacan. “O objeto de que se trata aqui está situado no contexto de um valor de prazer, de fruição, de gozo” (Lacan, 1992[1960-1]: 148). Para Alcibiades, Sócrates era o escolhido, o amado, distinto e nobre, parecia-lhe o ideal do homem meritório.

Segundo Aristóteles, para alcançar o ideal do homem meritório, uma das coisas que cabia ao Estado era controlar os casamentos, até mesmo em aspectos como a idade dos cônjuges, os nascimentos, o número de

filhos e, sobretudo, o destino das crianças que nascessem com alguma deficiência. Dessa forma os “imperfeitos de corpo e de entendimento” e os “fracos e débeis”, e até mesmo os filhos excedentes, deviam ser sacrificados por destoarem dos ideais da educação: eram marcados por um defeito que os comprometia na busca da excelência.

Essa eugenia estava fortemente ressaltada na educação espartana. Como a educação era inteiramente organizada em função do Estado, Licurgo, primeiro legislador de Esparta, segundo relato de Plutarco, instituiu uma regra para a educação de seu povo que exigia que cada criança nascida deveria ser levada ao *Lesqueu*, uma comissão de anciãos, para ser examinada e, se robusta e forte, os anciãos davam ordens de que fosse criada, se “esmirrada e disforme”, era levada aos *Apótetas* (lugar de abandono), um monte à beira do Taígeto e deixada lá.

Tal postura nos causa horror atualmente, e muitos historiadores chamaram de a crueldade e egoísmo dos gregos, mas não devemos esquecer que *a cria do homem nem sempre foi a criança*. O conceito de criança é

O “agalma” é um enfeite, um ornamento, objeto brilhante e divino que está no interior de algo. No “agalma” é a função fetiche do objeto que é acentuada.

muito recente, remontando ao Século das Luzes. Criança como esse ser pequeno que precisa ser cuidado, e por quem a família, o Estado e a sociedade tem obrigações é historicamente recente. Para os gregos, o filho não era a criança como entendemos hoje. Os pais, sobretudo o pai, tinham direito de vida e morte sobre a cria.

Ribeiro chama a atenção para o fato de que, na Antigüidade a criança era um bem que pertencia à casa paterna, ou uma força de trabalho, ou um herdeiro, se fosse menino, se fosse menina era um dote com o qual se iria negociar. Nesse sentido, não era um horror que Platão defendesse a exposição dos aleijados porque trariam uma marca de vergonha à casa paterna. Em *A república*, acen-

<sup>1</sup> Também chamados Sátiros, os silenos eram divindades campestres que faziam parte do séquito de Dioniso.



tua que tudo depende da qualidade de seu povo, cada geração tem de superar a antecedente em méritos.

A superação em méritos é a cota que cada cidadão deve dar para o aperfeiçoamento do Estado. Para que a raça se mantivesse pura, Platão pedia a morte de todas as crianças inválidas ou nascidas de pais muito idosos. Podemos ver aí, nessas crianças, uma ameaça a busca da *aretê*. “*A virtude quer dizer saúde, beleza, boa disposição de ânimo; vício é, pelo contrário, doença, fealdade, fraqueza*” (Platão, 1959: 452). Para Aristóteles, Platão, Licurgo e Plutarco, dentre outros, a cidade perfeita era aquela sem mutilados, débeis, fracos e disformes. Mas por que?

## Narcisismo e ideal de eu

Hefestos era um deus grego filho de Zeus e Hera – segundo alguns mitólogos só de Hera com o auxílio do Vento – que nasceu muito fraco, com as pernas tortas e muito finas. Na *Iliada*, Homero faz referência ao poder do deus em vários momentos, mas sempre o designa como o ilustre coxo. Hera ficou envergonhada de ter gerado um filho tão feio e disforme e o jogou no mar a fim de que eternamente ficasse escondido nos abismos. Foi recolhido por Tétis e Eurinome, as filhas do Oceano e, durante anos viveu cercado do cuidado das duas, numa gruta profunda, ocupado em fabricar-lhes brincos, broches, anéis. Não é uma excelente metáfora que um ser tão marcado pela fealdade se tornasse um criador de tantos ornamentos? Tantos objetos agalmáticos?

*A resposta é que o homem mutilado, disforme, deficiente físico e mental, destoava do ideal, colocando-se como um obstáculo à fórmula grega de “fazer sua a beleza”.*

Commelin (1983) salienta que esse deus tinha muitos templos em Roma e vários monumentos lhe foram feitos, mas quase todos os artistas esculpiam-no com vestes até os joelhos e suprimindo a deformidade nas pernas. Além de Hefestos, era designado por vários nomes, como Tárdipes (o que anda devagar), Colapódion (que tem pés tortos,

zambros, coxos) e Anfigies (que coxeia dos dois pés).

Agora acreditamos poder responder à questão que formulamos acima, na qual perguntamos o motivo por que a cidade grega perfeita era aquela sem disformes, débeis e mutilados. A resposta é que o homem mutilado, disforme, deficiente físico e mental, destoava do ideal, colocando-se como um obstáculo à fórmula grega de ‘fazer sua a beleza’.

Destoar do ideal é a explicação de Freud para toda a negação da sexualidade das crianças que os pais fazem. E este é um ponto importantíssimo: os pais renovam todos os privilégios e reivindicações infantis, que já haviam abandonado, em favor da criança. Se o pai não conseguiu ser um grande médico, agora seu filho o será. Se a mãe não conseguiu ter toda a beleza como almejava, agora sua filha será uma beldade em seu lugar.

“A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘sua majestade o bebê – como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói no lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe” (FREUD, 1976[1914]: 108).

O grande problema surge a partir do momento em que por alguma deficiência que lhe é peculiar, o filho é visto como impossibilitado de realizar esses desígnios parentais. Freud afirma que os pais projetam na criança seu ideal e para esse ideal vai todo o amor de si. Assim, uma pessoa erige em si mesma um ideal com o qual mede seu eu e assim o ideal condiciona o recalque. Explicando melhor: quando nos deparamos com algum desejo em nós que ameaça nosso ideal, nós o excluímos, proscovemos. A forma de excluí-lo da consciência é recalcando.

Além disso, o ideal de beleza também condiciona o recalque. Quando nos deparamos com algum desejo em nós que ameaça nosso ideal de beleza, nós o excluímos, proscovemos. A forma de excluí-lo da consciência é recalcando.

Chegamos até aqui para fazer a analogia da eugenia dos gregos com o recalque para a

psicanálise: em ambos os casos há uma tentativa de afastar a ameaça ao ideal. Com relação à ameaça que os sujeitos disformes e mutilados faziam à *aretê*, espartanos mandavam-nos ao *Apótetas*. Para a psicanálise, o que ameaça o ideal é mandado ao inconsciente. Talvez abandonar no *Apótetas* fosse mais eficiente, pois não há retorno. No inconsciente é um semi-abandono, pois o proscrito insiste, retorna, faz questão. Enfim, continua ameaçando.

### *O deficiente é o estranho?*

Imediatamente, diante de uma criança (ou adulto) mutilada, cega, surda ou com uma deficiência mental, deparamo-nos com o que é diferente e tal percepção inquieta-nos. Diante desse outro, o vemos como estranho e diferente. Freud afirma que ao estranho tenta-se subjugar ou exterminar. Mas diz também que o estranho só nos incomoda porque é ‘estranhamente próximo’, demarcando que quando algo nos soa estranho está relacionado a um conteúdo recalcado. A partir desse ponto, surge a questão: se o deficiente inquieta seu próximo, não será porque ele – no caso o professor e/ou técnico em Educação Especial – enxerga na deficiência do outro seu próprio desamparo?

Fédida sustenta que o deficiente é “*sempre o sobrevivente, o que escapou de um cataclismo, de uma catástrofe que já se produziu e que ameaça interiormente, que nos pode acontecer*” (FÉDIDA, 1984: 145).

Em 1919, Freud escreveu um trabalho intitulado *O estranho*, no qual relaciona o tema do estranho com o que é assustador, com o que causa medo e horror. Atribui à estranheza uma ambivalência que remonta aos medos infantis, a um desejo ou simplesmente a uma crença infantil. Freud define o estranho como uma representação insustentável, que foi recalcada e tenta retornar à consciência. E para cada sujeito o que deveria ter permanecido oculto e sempre retorna é a angústia de castração.

Poderíamos então inferir que o lugar ‘estranho’ para o próprio sujeito é seu incons-

ciente, esse lugar outro. Freud afirma um lugar outro para o próprio sujeito que sonha, um lugar do qual ele não tem conhecimento senão por meio dos sonhos, de lapsos, chistes e sintomas. Lacan vai tomar a obra freudiana a partir daí para dizer que o

*Lacan diz que o inconsciente é o capítulo esquecido da história do sujeito, ocupado por um vazio ou por uma mentira, o capítulo censurado.*

inconsciente manifesta-se como tropeço, desfalecimento, rachadura. Alguma coisa é dita, pronunciada e estatela-se, o que faz o próprio sujeito que a diz sentir-se siderado pela sua fala e escutá-la com estranheza. O inconsciente realiza-se como um achado, por que não dizer, um ‘achado estranho’. Lacan diz que o inconsciente é o capítulo esquecido da história do sujeito, ocupado por um vazio ou por uma mentira, o capítulo censurado. É o que faz com que o ser humano seja um “*estrangeiro aqui como em toda parte, casual na vida como na alma*” (PES-SOA, 1959: 86).

Discordamos completamente da posição sustentada por muitos educadores de que o deficiente deixará de ser o diferente e o estranho à medida que a ciência se desenvolve. Estes acreditam que as novas tecnologias facilitarão a vida do deficiente físico, que assim poderá se locomover mais facilmente, que a evolução da genética permitirá diagnósticos e tratamentos mais precisos. Não duvidamos da evolução na compreensão da morbidez e menos ainda dos avanços tecnológicos que virão, mas sim que não está aí o cerne do problema da educação e nem da Educação Especial.

Quando surgiu para nós a questão que iríamos delimitar como nosso objeto de pesquisa, acreditávamos que entenderíamos o assistencialismo na Educação Especial, denunciado por tantos educadores, a partir da questão de como o professor via o aluno deficiente. Quem é o deficiente para aquele que o educa? O professor diante do aluno deficiente depara-se com suas próprias deficiências e com seu desamparo espelhado no aluno. Diante do aluno deficiente, que coloca um limite maior à transmissão do saber, o pro-

fessor sente-se mais desamparado, claudicante no seu ofício.

## A educação e o desamparo

Em *O mal-estar na cultura* (1930) Freud nos mostra que o outro é, em primeiro lugar, sempre uma ameaça e não apenas o deficiente. Esse é o lugar estrutural no qual o sujeito coloca seu semelhante, o amor vindo como apaziguador desse impulso de destruição que temos com relação ao nosso seme-

*Para a psicanálise, a verdadeira deficiência humana é a castração, inapagável e maior, que uma cegueira e mutilação só fazem evocar.*

lhante. “É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo” (FREUD, 1976[1929]: 132). Seja ele portador de uma deficiência ou não. Com o deficiente essa ameaça fica mais evidente, às claras, como espelho à nossa castração: “a catástrofe realizada”.

No texto *Reflexões sobre a guerra e a morte* (1915) Freud afirmou que nossa atitude de negação da morte desmorona diante das condições da guerra, que nela nos vemos confrontados com nossa finitude, de que devemos à natureza nossa própria morte. Caem por terra nossas ilusões, que tínhamos acolhido porque nos poupava sentimentos desagradáveis. Chamou atenção à ambivalência diante da morte de entes queridos: se é tão difícil para um sujeito reconhecer a morte dos seus entes queridos é, não apenas pelo amor a eles, mas porque não pode reconhecer a si mesmo como mortal.

Propomos transpor esse mecanismo freudiano de negação da morte para entendermos a negação da deficiência. Por um lado, situar a deficiência no outro, protege o professor e técnico em Educação Especial do encontro com o que chamamos ‘sua deficiência’, sua angústia de castração e isso pode trazer-lhe certo júbilo – ‘entre mim e ele, a catástrofe realizou-se nele’ – por outro, tal júbilo não se sustenta, uma vez que a deficiência do outro evocará em espelho seu pró-

prio desamparo, e uma negação terá de ser constantemente reassegurada.

Pretendemos agora avançar um pouco mais o conceito de deficiente. Para a psicanálise o que é recalcado é que a catástrofe, seguindo a orientação de Fédida, é realizada em cada um de nós, cada sujeito é submetido à castração, dividido, não-todo. Apesar de alguns sujeitos terem uma perda visual, auditiva ou um déficit intelectual, ou ainda alguma mutilação, há um desamparo ao qual todo sujeito é submetido. Em *Projeto para uma psicologia científica* (1895) Freud afirma que, a princípio o organismo humano é incapaz de uma ação específica que o levaria a alcançar uma experiência de satisfação, precisando de

ajuda alheia para tal, “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1976[1895]: 422). Assim, o desamparo inicial criará a necessidade de ser amado que o acompanhará por toda a vida.

Ao desamparo fundamental do humano, Freud chamará de castração, um rochedo diante do qual, tal como o de Sísifo, nunca nos libertamos. Para a psicanálise, a verdadeira deficiência humana é a castração, inapagável e maior, que uma cegueira e mutilação só fazem evocar. Diante de suas deficiências, todo ser humano é como Édipo: “Será que é no momento em que não sou nada é que me torno um homem?” (SÓFOCLES, 1998: 171).

Victor Hugo afirmou em *Os miseráveis* que a educação é como uma centelha a trazer luz à escuridão na qual vive o ser humano. É exatamente esse o sentido que Freud dará a ela: uma barreira contra o desamparo. Não apenas a educação, mas a própria cultura assim se constituirá: exigirá que cada sujeito aprenda a renunciar aos seus impulsos egoístas para que possa viver com os outros. Trocará a moeda de sua voracidade de gozo pela demanda de amor.

## Conclusão

Freud disse-nos que a cultura só foi alcançada por meio da renúncia à satisfação pulsional, aprendemos a valorizar o amor e a sacrificar nosso ódio e rivalidade com outro



pelo desejo de ser amados e de amar. Então, se afirmamos que o professor e técnico em Educação Especial sentem-se ameaçados diante do deficiente, porque nele vêem seu próprio desamparo, isso não significa desqualificar seu trabalho. Não significaria exatamente o oposto? Uma tentativa maior de fazer laço social, que desse ponto de ameaça e desamparo, um trabalho, um saber pode ser construído?

Mesmo com o avanço da ciência, com o progresso tecnológico, os conflitos que tomam conta da educação, mais especificamente da Educação Especial, persistirão. O homem é o ser do conflito. Ou mais, ainda: o conflito é o ser do humano. Nas atitudes objetivas, assépticas, científicas, o professor não encontrará saída para seus impasses. Se a psicanálise pode trazer uma contribuição à educação, é mostrando que na relação entre professor e alunos, sejam deficientes ou não, só se transmite o que estiver ligado a *eros*.

Mesmo com dúvidas - integrar ou institucionalizar? - com recuos, mas também avanços, o professor não deve ceder

no seu desejo de transmissão de um saber ao aluno. Que ele não recue do que o aflige, do que ele evidencia como o seu desamparo. 'Aquiles sem seu calcanhar seria insuportável'. "*Uma educação possível será aquela sem iluminados, sem profetas, sem missão a cumprir. Quem estiver disponível à sua prática, também deverá estar disposto a sair do lugar da onipotência, para ocupar o lugar do 'claudicante'*" (LOPES, 1998: 68).

O título desse trabalho é uma referência a frase com a qual Freud termina seu trabalho *Além do princípio do prazer*: "*Aquilo que não podemos alcançar voando, devemos alcançar mancando. O Livro nos diz que não é pecado mancar*" (FREUD, 1976[1920]: 85). Temos a pretensão que nosso trabalho traga um pouco de veracidade e honestidade - única possibilidade de alguma transformação - ao debate da Educação Especial e que, até mesmo em suas deficiências, nos aspectos nos quais é claudicante, possa ser abertura para novas pesquisas.

## BIBLIOGRAFIA

- ANACHE, Alexandra A. *Educação e deficiência*: estudo sobre a educação da pessoa com "deficiência visual". Campo Grande: Editora da UFMS, 1994.
- ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BACHA, Márcia S.C.N. *Psicanálise e educação*: laços refeitos. São Paulo: Casa do Psicólogo e Editora UFMS, 1998.
- BUENO, José Geraldo. *Educação Especial Brasileira*: integração/segregação do aluno deficiente. São Paulo: Educ, 1993.
- COMMELIN. *Nova mitologia grega e romana*. São Paulo: Tecnoprint, 1983.
- FÉDIDA, P. *A negação da deficiência*. In: D'Ávila Neto. *A negação da deficiência, a instituição da diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984.
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1915). *Ibid*, vol. XIV.
- . *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915). *Ibid*, vol. XIV.
- . *O estranho* (1919). *Ibid*, vol. XVII.
- . *O Mal-estar na civilização* (1930). *Ibid*, vol. XXI.
- JAEGER, W. *Paidéia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1989.
- KITTO, H. D. *Os gregos*. Coimbra: Ed. Coimbra, 1990.
- LACAN, J. *El estádio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicanalítica*. In: Escritos. México: Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- . *Seminário 8: a transferência*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1992.
- PESSOA, F. *Poesia*. Nossos clássicos. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1959.
- PLATÃO. *República*. 7ª ed. São Paulo: Atena Editora, 1959.
- . *O banquete*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.
- QUINET, A. *O eu e o outro no espelho*. In: Atas das II Jornadas Clínicas: O imaginário na clínica das neuroses. Rio de Janeiro: EBP/RJ, 1994.
- RIBEIRO, M. A. *Analisa-se uma criança*. Conferência inédita, proferida em maio de 1999 em Campo Grande. Anotações pessoais.
- SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: JZEditor, 1998.